

Adaptação e utilização de uma medida de avaliação da rede de apoio social – diagrama da escolta – para idosos brasileiros*

Adaptation and Use of a Social Support Network Measure to a Sample of Brazilian Older Persons

Recibido: septiembre 11 de 2007 | Revisado: abril 3 de 2008 | Aceptado: abril 13 de 2008

MARIA CLARA PINHEIRO
DE PAULA-COUTO**
SÍLVIA HELENA KOLLER
ROSA NOVO
PEDRO SANCHEZ-SOARES

Cep-Rua, Instituto De Psicologia,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa

ABSTRACT

This study aims to adapt a social support measure – The Convoy of Social Support – to older persons in Brazil. Participants were 15 older persons (10 women and five men) selected from a larger sample of older persons ($N = 81$). The mean age of the participants was 69.6 years old ($SD = 7.45$). The diagram was individually applied. The Convoy of Social Support approach applied to older persons revealed itself as an easy and useful instrument to assess their social support network. An important aspect of it is that both structural and functional aspects of the social network are considered. Researchers have been pointing to the fact that if the quantity of support is an important feature of social support, it is the quality of it that promotes individual well-being.

Key words authors

Social Support Network; Older Persons; Convoy Model; Life-Span Development.

Key words plus

Social Capital, Frail Elderly, State Aid.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi adaptar uma medida de apoio social – Diagrama da Escolta – para a população idosa e apresentar resultados descritivos sobre a estrutura e a função das redes de apoio da presente amostra. Participaram 15 idosos selecionados de uma amostra maior ($N = 81$) com idade média de 69.6 anos ($SD = 7.45$). A aplicação do diagrama foi individual. O Diagrama da Escolta aplicado a idosos mostrou-se um instrumento de fácil aplicação e útil para avaliar a rede social. Destaca-se o fato de o instrumento contemplar aspectos estruturais e funcionais da rede buscando uma análise integrada. Sabe-se que se a estrutura da rede social fornece subsídios para a sua avaliação, é a percepção satisfatória quanto às relações de apoio mantidas, que promove sentimentos de bem-estar individual.

Palavras chaves

Rede de apoio social; idosos; modelo da escolta de apoio social; *life-span*.

Palabras claves o descriptores

Capital social, anciano frágil, ayuda estatal.

* Apoio: Conselho nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq e Programa AlBan, Programa de bolsas de alto nível da União Européia para América Latina, bolsa N° E06M103402BR.

Os autores agradecem a colaboração de Débora Verdi, Hanna Sainio e Ivalina Porto na etapa de coleta de dados deste estudo.

Os autores agradecem aos locais de coleta de dados: Centro de Esportes, Lazer e Recreação para o Idoso (CELARI/UFRGS), Meninos da Bocha – Parque Alim Pedro, Universidade do Adulto Maior (UAM/IPA), Núcleo de Atendimento à Terceira Idade (NATIEx/Policlínica Militar de Porto Alegre), Projeto QualiVida e Núcleo Universitário da Terceira Idade (NUTI/FURG).

** Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-Rua), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2600/104, 90035-003 Porto Alegre RS, Brasil.
Correo-e: mariaclara.ppc@gmail.com

Atualmente, é aceita a idéia de que o apoio social desempenha uma forte influência na saúde e no bem-estar dos indivíduos. Brito e Koller (1999) definem a rede social como uma interface entre o indivíduo e o sistema social que ele integra. Mencionam que a rede de apoio social fornece subsídios para definir as formas como a pessoa percebe seu mundo e se orienta nele, bem como suas estratégias e competências para estabelecer relações e enfrentar adversidades. A família, os amigos, o sistema moral e de valores constituem esferas da vida potencialmente capazes de fornecer apoio à pessoa nas diversas relações sociais e diante dos variados eventos que ela experiencia. Quanto mais satisfatória for a percepção da pessoa em relação à sua rede de apoio social, mais fortes serão seus sentimentos de satisfação com a vida.

Uma importante perspectiva teórica para o entendimento da rede de apoio social é o modelo da Escolta de Apoio Social, proposto por Kahn e Antonucci nos anos 80 (Antonucci & Akiyama, 1987; Kahn e Antonucci, 1980; ver também revisão em Antonucci, Akiyama e Takahashi, 2004). Este modelo considera as relações sociais ao longo da vida e, no plano teórico, pode ser compreendido a partir dos modelos *life-span*, designadamente do proposto por Paul Baltes o qual propõe que o desenvolvimento é um processo que acontece desde a concepção até a morte e que envolve a interação de processos biológicos, socioculturais e psicológicos (Diehl, 1999). Desta forma, o modelo da Escolta Social oferece uma abordagem teórica das relações sociais ao longo do tempo (Antonucci e Akiyama, 1987). O surgimento do modelo foi também uma forma de buscar um modo mais preciso de operacionalização do conceito 'apoio social' e, conseqüentemente, de o medir. Assim, seguindo este propósito, Kahn e Antonucci (1980) definiram o apoio social como trocas interpessoais que incluem um ou mais dos seguintes elementos: afeto, afirmação e ajuda. Nesta perspectiva, o modelo da Escolta de Apoio Social foi idealizado e fundamentado considerando que: as trocas afetivas implicam o gostar, a admiração, o respeito e/ou o amor, as trocas de afirmação dizem respeito à concordância ou ao reconhecimento que uma pessoa tem de que

determinado ato ou afirmação de uma outra está correto, ou seja, estas trocas implicam o reconhecimento do outro e a legitimação de suas ações, e por fim, as trocas de ajuda são aquelas relacionadas com a assistência ou ajuda provida quanto a recursos, dinheiro, informações, cuidados, etc.

O termo Escolta, por sua vez, tem uma conotação temporal a partir da qual se entende que cada pessoa pode ser compreendida, ao longo do curso de vida, como cercada por uma série de outras pessoas a quem ela está ligada por relações que envolvem o dar e receber apoio social (Kahn e Antonucci, 1980). Estas relações, geralmente com familiares e amigos que estão emocionalmente próximos do indivíduo e são considerados importantes para ele, auxiliam-no a negociar de forma bem sucedida com os desafios da vida. Uma característica da escolta de apoio social é que ela tem uma conotação dinâmica e constante, ou seja, acompanha o indivíduo ao longo da vida, ajudando-o a lidar com os desafios, mas sofre mudanças decorrentes das transformações dos papéis sociais dos seus membros (Antonucci e Akiyama, 1987; Antonucci et al., 2004). As relações da escolta podem ser uma fonte de proteção, uma vez que possibilitam que o indivíduo compartilhe experiências de vida, desafios, decepções e sucessos. Entretanto, estas relações podem também ser prejudiciais despotencializando esforços do indivíduo e enfraquecendo suas aspirações (Antonucci et al., 2004; Kahn e Antonucci, 1980).

Kahn e Antonucci (1980) propuseram uma representação gráfica do modelo de Escolta Social composta por um círculo, onde está posicionada a pessoa foco, e que está inserido em uma estrutura maior de três outros círculos concêntricos e hierárquicos (ver modelo na seção do Método), que representam a escolta ou rede de apoio social da pessoa foco. A pertença de um indivíduo na rede de apoio social desta está condicionada ao quão importante, em termos afetivos e de apoio social, ele ou ela é. Assim, cada um dos círculos corresponde a distintos graus de proximidade afetiva e de apoio social (dar e receber) em relação à pessoa em foco (Antonucci e Akiyama, 1987; Kahn e Antonucci, 1980). No círculo mais interno, estão as pessoas

mais próximas e mais importantes em termos afetivos e de troca de apoio social. As relações deste círculo são caracterizadas como estáveis ao longo da vida e não dependentes de exigências de papéis sociais. No círculo intermediário, estão as pessoas não tão importantes, mas com quem se mantém uma relação ainda próxima (familiares, amigos, colegas de trabalho, etc). Estas relações não são totalmente independentes de papéis sociais e por isso têm um certo grau de instabilidade ao longo do tempo, podendo não ser mantidas caso uma das partes perca o papel que ocupava. O círculo mais externo é ocupado pelos indivíduos com menor grau de proximidade, mas que todavia são identificados como fontes de suporte (e.g., supervisores, chefes, colegas de trabalho ou vizinhos). Estas relações são dependentes e limitadas pelos papéis sociais dos indivíduos, sendo portanto instáveis e vulneráveis às mudanças destes papéis. Kahn e Antonucci (1980) dão o exemplo de relações com colegas de trabalho com que se têm em comum metas e objetivos e cujas interações são de suporte no âmbito de trabalho, mas não fora dele.

Duas dimensões da rede de apoio social devem ser consideradas: as relativas à estrutura e as relativas à função. Por isso, instrumentos que tenham o objetivo de avaliar a rede de apoio social devem analisá-los de forma integrada e dinâmica. A estrutura refere-se à multiplicidade das relações identificadas, isto é, ao número de pessoas com as quais o indivíduo pode realmente contar em sua rede. É identificada pela quantidade e multiplicidade das relações. A função refere-se à satisfação e à ausência de conflitos nas relações, ou seja, à qualidade das mesmas. A estrutura e a função podem caracterizar-se tanto como fatores de proteção quanto como risco para o desenvolvimento e qualidade de vida das pessoas. No caso do Diagrama da Escolta, os aspectos estruturais e funcionais são avaliados fornecendo dados capazes de descrever de modo integrado as redes sociais.

A adaptação deste modelo para a população infantil e juvenil brasileira foi realizada por Brito (1999). A autora utilizou a medida de apoio social deste modelo – o Diagrama da Escolta – em um estudo que buscou investigar a rede de apoio social

de meninos e meninas em situação de rua que faziam uso de drogas (Brito, 1999). Procurou-se no presente estudo dar continuidade à adaptação de Brito para a população brasileira, mas desta vez, considerando a população idosa.

O estudo da rede de apoio social no envelhecimento tem sido foco de diversas pesquisas na área da gerontologia (Antonucci e Jackson, 1987; Antonucci e Akiyama, 1987; Antonucci et al., 2004; Bourque, Pushkar, Bonneville e Béland, 2005; Carstensen, Pasupathi, Mayr e Nesselrode, 2000; García, Banegas, Pérez-Regadera, Cabrera & Rodríguez-Artalejo, 2004; Neri, 2005). Em parte este interesse pode estar vinculado aos cuidados provenientes do apoio social que são potencialmente capazes de manter a saúde, o bem-estar e a independência de idosos. Em comum estas pesquisas têm o fato de todas concordarem que a rede de apoio social desempenha um papel importante na velhice atuando como moderadora na relação entre o estresse e o bem estar e a satisfação com a vida em diferentes etapas do ciclo vital, inclusive durante o envelhecimento (Kahn & Antonucci, 1980).

Como visto, a rede de apoio social vêm sendo identificada como um fator de proteção para a manutenção da saúde e do bem-estar em idosos. Assim, investigações sobre os processos relacionados à rede social devem ser realizadas para subsidiar intervenções mais eficazes que possam gerar melhores condições de desenvolvimento e de qualidade de vida para as pessoas. Neste sentido, a adaptação do Diagrama da Escolta para idosos constitui-se em uma contribuição metodológica importante para o desenvolvimento de pesquisas na área do apoio e das relações sociais no envelhecimento.

Em síntese, a relevância da esfera interpessoal na população de idade avançada justifica atenção dos investigadores. Nesse sentido, esta investigação procurou adaptar uma metodologia adequada à investigação da rede social em idosos, metodologia já anteriormente testada no Brasil por Brito (1999). Buscou-se ainda apresentar resultados descritivos sobre a estrutura e função das redes de apoio social dos idosos em estudo fundamentando-os no modelo de Escolta de Apoio Social de Kahn e Antonucci (1980).

Método

Participantes

A amostra de participantes que respondeu ao Diagrama da Escolta foi composta por 15 idosos selecionados aleatoriamente a partir da amostra total de Porto Alegre ($n = 81$). Destes 15 respondentes, dez eram mulheres e cinco homens com idades entre 60 e 85 anos ($M = 69.6$, $SD = 7.45$). Esta amostra insere-se em um estudo maior no qual participaram 111 indivíduos com idades entre 56 e 85 anos ($M = 68.63$ anos; $SD = 6.57$), do sexo feminino e masculino, provenientes de Porto Alegre ($n = 81$) e de Rio Grande ($n = 30$). Todos os participantes tinham condições gerais de saúde física e mental satisfatórias e possuíam autonomia e mobilidade para executar as tarefas cotidianas. Embora estes critérios não tenham sido avaliados diretamente, considerou-se que a inserção dos participantes em grupos de convivência para idosos era um bom preditor de saúde física e mental, bem como de autonomia. Desta forma, todos os participantes deste estudo estavam integrados em grupos de atividades para idosos.

Instrumento e Procedimentos

De acordo com os padrões éticos, este projeto de pesquisa foi previamente aprovado pelo comitê de ética da Universidad Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (Nº do Protocolo: 2006538). Antes do início da coleta de dados, os coordenadores dos grupos de idosos que integraram este estudo foram contatados e esclarecidos sobre os objetivos e condições de realização do trabalho e, uma vez tendo aceitado participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, versão para os coordenadores. Da mesma forma, todos os participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, versão para os participantes.

A coleta de dados foi realizada por uma equipe de pesquisa composta por uma pesquisadora e mais três integrantes (dois alunos de Psicologia da

UFRGS e uma estudante de intercâmbio finlandesa, com bom domínio da língua portuguesa). Antes do início do trabalho de campo, a equipe foi treinada através de seminários teóricos e metodológicos que tinham como objetivo capacitar os integrantes para a compreensão de questões teóricas, metodológicas e éticas. As reuniões da equipe aconteceram antes e durante a coleta de dados, tendo sido um elemento importante para o planejamento e a solução das dificuldades encontradas durante o trabalho.

Os instrumentos foram aplicados individualmente aos participantes por um dos membros da equipe de pesquisa. Na primeira entrevista feita, os alunos de graduação acompanharam a pesquisadora a fim de observarem o procedimento de aplicação do Diagrama da Escolta. As entrevistas foram agendadas com antecedência e a aplicação de cada diagrama durou em média uma hora e foi realizada ou na sede dos grupos ou na residência dos participantes. O próprio participante foi quem definiu o local de preferência. O início de cada entrevista foi gravado, tendo sido solicitada a autorização dos participantes para fazê-lo. O intervalo gravado referia-se a algumas questões abertas relativas à rotina de atividades diárias dos participantes. Finalmente, a coleta de dados decorreu durante três meses.

Diagrama da Escolta

A forma de apresentação do diagrama é em três círculos concêntricos e hierárquicos, com o participante representado no meio, nos quais devem ser colocadas as pessoas que são próximas e importantes para ele.

A aplicação do instrumento deve ser feita individualmente. O diagrama é apresentado em um quadro de feltro (100cm x 60cm) no qual ele é desenhado em uma cor que possibilite a sua boa visualização. Junto com o diagrama são apresentados uma série de bonecos de diferentes tamanhos, formas e cores (azul para masculino e rosa para feminino - Figura 2). No verso dos bonecos deve ser colado um pedaço de velcro para que ele possa ser afixado no quadro de feltro.

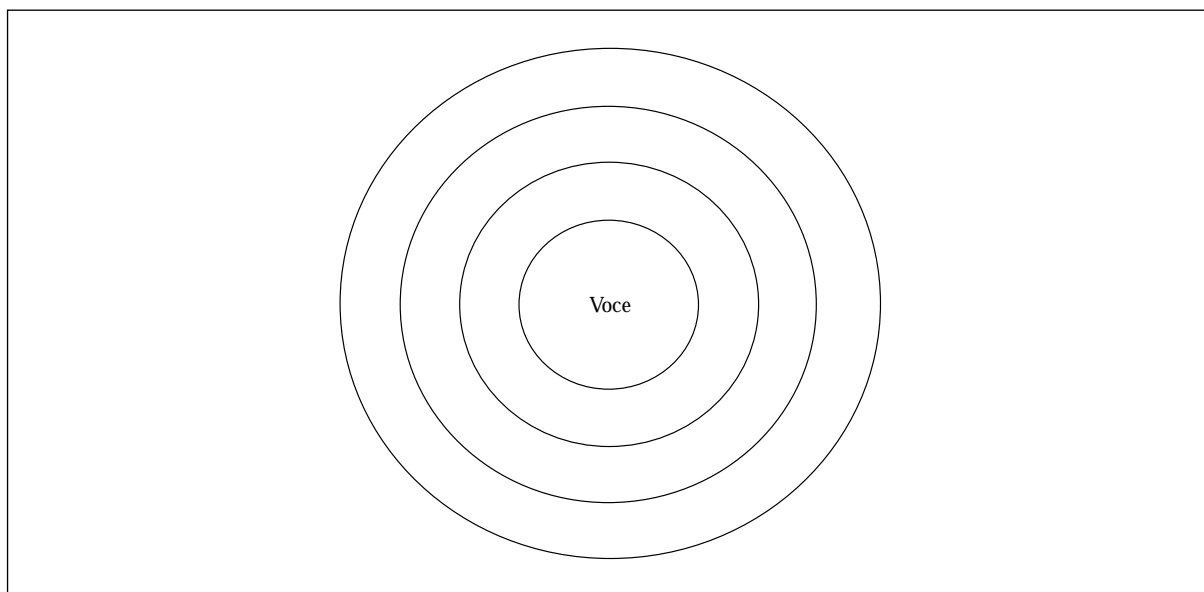


FIGURA 1
Ilustração do Diagrama da Escolta.

Fonte: elaboração própria.

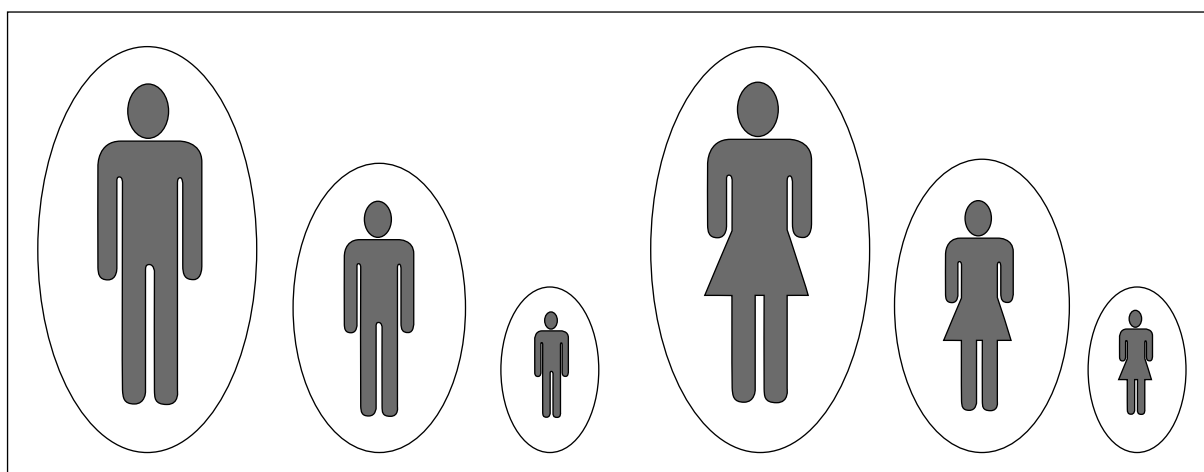


FIGURA 2
Ilustração dos bonecos do Diagrama da Escolta.

Fonte: elaboração própria.

O primeiro passo para a aplicação do Diagrama da Escolta é colocá-lo em uma mesa junto com os bonecos. Em seguida, os pesquisadores devem explicar ao participante que a aplicação terá duração aproximada de uma hora e que antes de começá-la, serão feitas algumas questões sobre a

sua rotina (“Como é o seu dia-a-dia?”; e “E o seu final de semana?”). Recomenda-se que esta etapa seja gravada para que estes dados possam servir como uma forma de contextualizar as informações coletadas através do diagrama. A forma de apresentação do diagrama bem como esta etapa da sua

aplicação foi sugerida na adaptação do Diagrama da Escolta para crianças e adolescentes feita por Brito (1999). Julga-se que esta forma de apresentar o instrumento seja lúdica e interativa, aspectos que facilitam a sua aplicação.

Uma vez terminada a etapa anterior, inicia-se a aplicação do diagrama solicitando ao participante que ele pense nas pessoas que são importantes em sua vida neste momento, mas com as quais ele mantém diferentes níveis de proximidade (Antonucci e Akiyama, 1987; Brito, 1999). Deve-se então solicitar aos respondentes que pensem “naquelas pessoas de quem você se sente tão próximo que seria difícil imaginar a vida sem elas”. Estas pessoas devem ser posicionadas no círculo mais interno do diagrama. O mesmo procedimento é feito para o preenchimento do círculo intermediário, descrito como incluindo “aquelas pessoas de quem você não se sente tão próximo, mas que ainda assim são muito importantes para você”. Por fim, para o círculo externo, instrui-se o participante que pense “naquelas pessoas que você ainda não mencionou, mas de quem você se sente próximo e que crê que são importantes o suficiente de modo que deveriam ser colocadas na sua rede”. Em uma folha separada os aplicadores devem anotar, no diagrama ilustrado, o nome e o local onde foi inserida cada pessoa nomeada pelo participante em sua rede. Este procedimento deve ser feito conforme o participante inclui novos membros no seu diagrama sendo um passo fundamental para que as questões sobre a estrutura e a função da rede possam ser corretamente completadas. Esta primeira etapa de aplicação do diagrama tem o objetivo de coletar informações relativas às características estruturais da rede de apoio social do respondente.

A segunda etapa de aplicação do diagrama visa à obtenção dos aspectos estruturais bem como dos funcionais da rede de apoio. Esta etapa inicia com uma série de questões ao participante sobre as dez primeiras pessoas listadas por ele em sua rede. As questões sobre a estrutura da rede incluem os seguintes pontos: nome das pessoas inseridas na rede, idade, sexo, círculo no qual a pessoa mencionada foi posicionada, tipo de relação com o participante (i.e., cônjuge, filho, neto, irmão, outros familiares,

ou amigo), tempo decorrido desde que a relação teve início, frequência de contato, e distância entre as residências do respondente e da pessoa colocada em sua rede. A frequência de contato é avaliada de acordo com a seguinte escala: 1- irregularmente, 2- anualmente, 3- mensalmente, 4- semanalmente e 5- diariamente ou vivem juntos. Essa escala deve ser apresentada verbalmente ao participante e ele, então, indica qual a melhor opção. A distância entre residências (proximidade) é avaliada em horas de deslocamento de carro entre elas. Assim, parte-se de uma hora (60 minutos) podendo ser o tempo de deslocamento inferior (ex.: 30 minutos).

As características funcionais da rede de apoio são avaliadas a partir de seis tipos de relação de suporte providos e recebidos pela pessoa em foco, ou seja, o respondente. Essas relações são: (1) confiar coisas que são importantes; (2) ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza; (3) ser respeitado; (4) ser cuidado em situação de doença; (5) conversar quando está triste, nervoso ou deprimido; e (6) conversar sobre a própria saúde. Para estas questões funcionais, solicita-se ao participante que olhe para o seu diagrama e indique nele aquelas pessoas de quem ele recebe cada um dos tipos de suporte e para quem ele dá cada um deles (Antonucci e Akiyama, 1987). Estas informações devem ser anotadas no espaço indicado na folha de aplicação.

Resultados

Os dados foram analisados através de estatística descritiva. Buscou-se assim caracterizar descritivamente os aspectos estruturais e funcionais das redes de apoio destes idosos. A seguir, os resultados são apresentados em duas sessões separadas: uma que contempla os aspectos estruturais, e outra, os aspectos funcionais.

Rede de Apoio Social: Características Estruturais

1. Tamanho: Os 15 respondentes nomearam um total de 147 integrantes de rede, criando redes

- com uma média de 10 integrantes. No primeiro círculo do diagrama (o mais interno), foi colocado o maior número de integrantes, 110 (76%), criando uma média de 7 integrantes de rede neste círculo. O segundo círculo foi composto por 32 integrantes de rede (22%), com uma média de 2 integrantes, e o terceiro, por apenas 2 membros de rede (1%).
2. Idade dos Integrantes da Rede: A idade dos integrantes de rede variou de 2 a 92 anos ($M = 46.16$, $SD = 21$). Em geral, os integrantes do primeiro círculo ($M = 42.3$, $SD = 20.7$) eram mais jovens do que os do segundo ($M = 59.2$, $DP = 16.6$) e do terceiro ($M = 63.5$, $SD = 12$) círculos.
 3. Sexo dos Integrantes da Rede: Relativamente ao sexo, todos os respondentes indicaram um número maior de mulheres do que de homens entre os primeiros dez integrantes de rede por eles mencionados. Do total de 147 integrantes de rede, 87 eram mulheres (59%) e 60 homens (41%). Esta superioridade do sexo feminino manifestou-se também nos dois primeiros círculos do diagrama. O primeiro círculo (mais interno) foi composto de 66 mulheres (60%) e 44 homens (40%). O segundo (intermediário) foi composto por 18 mulheres (56%) e 14 homens (44%). O terceiro círculo (mais externo) foi composto apenas por homens, 2 (100%).
 4. Anos de Conhecimento: Devido ao fato de a maioria dos integrantes de rede ser de familiares já conhecidos há bastante tempo pelo respondente, o tempo de conhecimento entre respondentes e integrantes da rede foi elevado, uma média de 37 anos de conhecimento ($SD = 20$). Quanto ao primeiro círculo, a média do tempo de conhecimento foi de 35.8 anos ($SD = 18.7$). Em relação ao segundo, a média deste foi um pouco mais elevada, 39.45 anos ($SD = 25.5$), e ao terceiro, foi superior, 32.5 anos ($SD = 10.6$). O fato de o tempo de conhecimento no segundo círculo ter sido superior ao do primeiro pode ser explicado pelo elevado número de netos que foram posicionados no primeiro círculo.
 5. Proximidade: Dos 147 integrantes de rede mencionados, 96 (65%) vivem a menos de uma hora do respondente. No primeiro círculo (o mais próximo), 58% dos integrantes estão a menos de uma hora dos respondentes e no segundo, 75%. Estes resultados vão, de certo modo, ao contrário do esperado, ou seja, que os integrantes de rede do primeiro círculo estivessem a menos tempo de deslocamento (ou seja, mais próximos) dos respondentes. Este resultado pode indicar que, embora os integrantes do segundo círculo estejam mais próximos fisicamente, a proximidade afetiva não se expressa somente por esta.
 6. Frequência de Contato: As respostas para o item frequência de contato estavam dispostas de acordo com uma escala *likert* em que: 1: irregularmente; 2: anualmente; 3: mensalmente; 4: semanalmente; e 5: diariamente ou vivem juntos. A frequência de contato para os 147 integrantes de rede foi de 3.32. Desta forma a frequência de contato entre os respondentes e os integrantes de suas redes é, de modo geral, ou mensalmente ou semanalmente, com maior tendência para ser mensal. Esta tendência replicou-se no primeiro (3.43) e no segundo círculos (3), sendo que os respondentes têm contato mais frequente com os integrantes do primeiro do que do segundo círculo. Curiosamente, a frequência de contato entre os respondentes e os integrantes de rede foi superior no terceiro (5). Este resultado pode indicar que, embora se vejam diariamente, a proximidade afetiva não se expressa somente pela frequência de contato, como também foi o caso da variável proximidade.
 7. Tipo de Relação com o Respondente: De modo geral, os integrantes de rede foram, em sua maioria, familiares, tais como cônjuge, filhos, netos e irmãos. Na verdade, os familiares corresponderam a 88% dos integrantes de rede e os amigos a 12%. No primeiro círculo, predominaram os cônjuges, filhos, netos e irmãos (70%). No segundo círculo, predominaram os amigos, irmãos e outros familiares, tais como, cunhados, primos, sobrinhos (84%). No tercei-

ro círculo, os dois integrantes indicados eram amigos.

Rede de Apoio Social: Função

A variável função da rede de apoio social foi analisada de acordo com seis tipos de apoio (confidenciar coisas que são importantes; tranquilizar e estimular em momentos de incerteza; respeitar; cuidar em situação de doença; conversar quando está triste; nervoso ou deprimido e conversar sobre a própria saúde) e duas categorias (receber e dar). Os resultados desta variável são apresentados separadamente para os seis tipos de apoio em análise.

1. Confidenciar coisas que são importantes

Receber Apoio: dos 15 respondentes do Diagrama da Escolta, 14 (93%) informaram receber este tipo de apoio e apenas um (7%) afirmou não o receber. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 28 (19%) são os que dão este apoio aos 14 respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 28 integrantes de rede predominam cônjuges, filhos e irmãos. Além disso, 93% deles pertencem ao primeiro círculo (mais interno) e 7%, ao segundo.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, 11 (73%) dos 15 respondentes afirmaram dá-lo, sendo que, do total de 147 integrantes de rede indicados, 43 (29%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Entre estes 43 integrantes predominam cônjuges, filhos, irmãos, netos e amigos. Além disso, 91% deles pertencem ao primeiro círculo e 9%, ao segundo.

2. Tranquilizar e estimular em momentos de incerteza

Receber Apoio: dos 15 respondentes do Diagrama da Escolta, nove (60%) informaram receber este tipo de apoio e seis (40%) afirmaram não o receber. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 20 (14%) são os que dão este apoio aos nove respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 20 integrantes

de rede predominam cônjuges, filhos e irmãos e 95% deles pertence ao primeiro círculo (mais interno) e 5%, ao segundo.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, 13 (87%) dos respondentes afirmaram dá-lo e apenas 2 (13%), não o fornecer. Dos 147 integrantes de rede, 52 (35%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Entre estes 52 integrantes de rede, predominam filhos, netos, amigos e irmãos. Além disso, 90% deles pertence ao primeiro círculo e 10%, ao segundo.

3. Respeitar

Receber Apoio: todos os 15 respondentes do Diagrama da Escolta informaram receber este tipo de apoio. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 146 (99%) são os que dão este apoio aos 15 respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 146 integrantes de rede estão cônjuges, filhos, netos, outros familiares, irmãos e amigos e 78% deles pertence ao primeiro círculo (mais interno), 20.5%, ao segundo e 1.5%, ao terceiro.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, outra vez todos os respondentes afirmaram dá-lo para todos os 147 integrantes de rede, dentre os quais predominam cônjuges, filhos, netos, outros familiares, irmãos e amigos. Além disso, 77.5% deles pertencem ao primeiro círculo, 21%, ao segundo e 1%, ao terceiro.

4. Cuidar em situação de doença

Receber Apoio: dos 15 respondentes do Diagrama da Escolta, 11 (73%) informaram receber este tipo de apoio e quatro (27%) afirmaram não o receber. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 26 (18%) são os que dão este apoio aos 11 respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 26 integrantes de rede predominam cônjuges e filhos e 85% deles pertence ao primeiro círculo (mais interno) e 15%, ao segundo.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, 12 (80%) dos respondentes afirmaram dá-lo e apenas três (20%), não. Dos 147 integrantes de rede, 52

(35%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Entre estes 52 integrantes de rede, predominam cônjuges, filhos, amigos, netos e irmãos. Além disso, 73% deles pertence ao primeiro círculo e 27%, ao segundo.

5. Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido

Receber Apoio: dos 15 respondentes do Diagrama da Escolta, oito (53%) informaram receber este tipo de apoio e sete (47%) afirmaram não o receber. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 16 (12%) são os que dão este apoio aos oito respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 16 integrantes de rede predominam cônjuges, irmãos e amigos e 69% deles pertence ao primeiro círculo (mais interno), 19%, ao segundo e 12.5%, ao terceiro.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, 11 (73.3%) dos respondentes afirmaram dá-lo e quatro (26.7%), não. Dos 147 integrantes de rede, 19 (13%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Entre estes 19 integrantes de rede, predominam cônjuges, irmãos e filhos. Além disso, 89.5% deles pertencem ao primeiro círculo e 10.5%, ao segundo.

6. Conversar sobre a própria saúde

Receber Apoio: dos 15 respondentes do Diagrama da Escolta, dez (66.6%) informaram receber este tipo de apoio e cinco (33.4%) afirmaram não o receber. Do total de 147 integrantes de rede indicados pelos respondentes, 27 (18.4%) são os que dão este apoio aos dez respondentes que afirmaram recebê-lo. Entre estes 27 integrantes de rede predominam cônjuges, filhos e irmãos e 70.4% deles pertencem ao primeiro círculo (mais interno) e 29.6%, ao segundo.

Dar Apoio: Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, dez (66.6%) dos respondentes afirmaram dá-lo e cinco (33.4%), não. Dos 147 integrantes de rede, 34 (23.2%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Entre estes 34 integrantes de rede, predominam cônjuges, filhos, amigos e irmãos. Além disso, 67.6% deles pertencem

ao primeiro círculo, 26.4%, ao segundo, e 6%, ao terceiro.

Uma análise global dos seis tipos de apoio contemplados no Diagrama da Escolta revela que em todos os apoios, exceto os apoios “Confidenciar coisas importantes” e “Conversar sobre a própria saúde”, o número de respondentes que dá o apoio é superior ao que o recebe. Além disso, salienta-se que o tipo de apoio mais recebido e fornecido é o “Respeitar”. O apoio “Confidenciar coisas importantes” tem destaque no grupo de apoios recebidos e “Tranquilizar e estimular em momentos de incerteza” e “Cuidar em momentos de doença”, no grupo dos apoios fornecidos. A Figura 3 apresenta o número de respondentes que recebe e fornece cada um dos seis tipos de apoio analisados.

Quanto aos integrantes de rede, tanto os que fornecem apoio aos respondentes quanto os que deles recebem apoio, estão, em sua maioria, situados no primeiro círculo do diagrama, ou seja, o mais interno e próximo ao respondente. Entretanto, salienta-se que quando comparados, os integrantes de rede que fornecem apoio estão em maior número no primeiro círculo do que os que recebem o apoio dos respondentes. Em sua maioria, os respondentes fornecem apoio a cônjuges, filhos, netos e irmãos e recebem apoio não só de membros da família, mas também de amigos. Finalmente, é interessante notar que no apoio “Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido”, os respondentes buscam cônjuges, irmãos e amigos, ou seja, pessoas da mesma coorte, e são procurados por cônjuges, irmãos e, principalmente, pelos filhos quando estes precisam deste apoio.

Discussão

Este artigo buscou adaptar uma medida de apoio social – Diagrama da Escolta – para idosos brasileiros. Objetivou-se também apresentar resultados descritivos sobre a estrutura e função das redes de apoio social da amostra de idosos estudada.

Diversos autores têm assinalado a importância da rede de apoio social em variados âmbitos da vi-

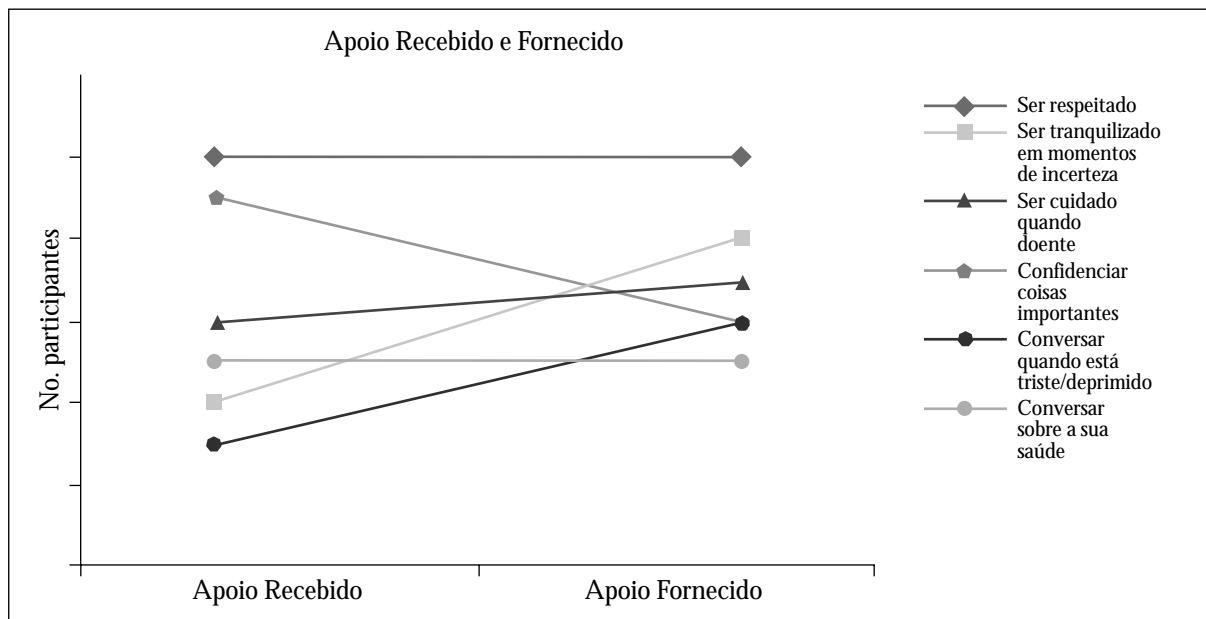


FIGURA 3

Receber e dar apoio conforme o Diagrama da Escolta: número de participantes por tipo de apoio.

Fonte: elaboração própria.

da dos idosos. Pin, Guilley, Spini e Lalive d'Epina (2005) realizaram um estudo na Suíça com octogenários sobre a rede social e a manutenção da independência. Os autores concluíram que, de fato, as relações sociais (especialmente contatos com a família e amigos íntimos) influenciam positivamente a manutenção da independência e da saúde funcional de idosos. Antonucci e Jackson (1987) também estudaram a influência da rede de apoio social na saúde de idosos e apontaram diferentes investigações que demonstraram que relações de suporte social têm impacto na saúde física (relacionam-se inversamente com mortalidade, doenças coronárias, tempo de hospitalização, etc.) e mental (relacionam-se positivamente com o bem-estar e a satisfação de vida) de idosos.

Os resultados do presente estudo revelaram alguns aspectos estruturais e funcionais da rede de apoio social da amostra de idosos analisada que confirmam resultados anteriores de Kahn e Antonucci (1980) e Antonucci e Akiyama (1987). Estruturalmente, as redes investigadas são compostas principalmente por familiares (cônjuges, filhos, netos) e amigos. No primeiro círculo, estão em sua

maioria os familiares. Em geral, os membros da rede residem próximo ao idoso (65.3% dos membros da rede residem a menos de uma hora do idoso). Além disso, tratam-se de relações de longo prazo, sendo que o tempo de conhecimento é em média de 37 anos. Um ponto a salientar é que todos os respondentes reportaram ter mais mulheres do que homens em suas redes de apoio. Neri (2005) afirma que devido ao fato de as mulheres terem mais competências interpessoais (o que as permite manterem relações mais calorosas e íntimas), as relações sociais entre elas são de maior qualidade do que as relações entre os homens. Além disso, a rede de apoio social de mulheres é composta por um maior número de pessoas do que a de homens. Um aspecto particular tem origem no âmbito familiar, as mulheres são apontadas como as principais cuidadoras dos demais membros da família ao longo de suas vidas, o que pode estar associado à manutenção deste papel social ou à possibilidade de receber o cuidado dos familiares como retribuição.

Funcionalmente, as redes de apoio foram analisadas a partir de seis tipos de apoio sobre os quais os

idosos foram questionados, quer quanto à efetividade de prestarem esse tipo de apoio, quer quanto à possibilidade de o receberem. De maneira geral, os respondentes têm a percepção de que dão mais suporte do que aquele que recebem. Além disso, o suporte recebido e dado é, principalmente, relativo aos membros do primeiro círculo. O suporte recebido pelos respondentes provinha de um número restrito de membros de rede quando considerado o seu número total. Isto pode indicar, conforme salientam Antonucci e Akiyama (1987), que embora com a idade avançada não haja necessariamente redução significativa da rede, os membros que dão suporte aos idosos são seletivamente limitados.

A respeito do impacto do dar e receber apoio no bem-estar de idosos, Liang, Krause e Bennett (2001) realizaram uma pesquisa na qual buscaram analisar o que seria mais importante para a manutenção do bem-estar: o dar ou o receber. No âmbito das relações de apoio (dar e receber), as autoras investigaram a reciprocidade, as interações negativas e a antecipação de suporte. As conclusões do estudo foram que o dar e o receber apoio estão correlacionados positivamente, ou seja, o dar e o receber tendem a reforçar-se mutuamente.

Quando analisadas as interações negativas, Liang et al. (2001) concluíram que o dar suporte (sentir que dá em demasia, mas não recebe suporte) associa-se positivamente a estas interações, mas o receber associa-se à redução das interações negativas. A antecipação do suporte, isto é, a expectativa da sua disponibilidade em caso de necessidade, correlacionou-se positivamente com o suporte recebido e o dado. As interações negativas, por sua vez, diminuem a antecipação de apoio. As pesquisadoras ressaltaram ainda o fato de que o dar apoio diminui a sua antecipação do suporte de forma indireta através do efeito positivo que tem nas interações negativas. Finalmente, a reciprocidade nas relações de suporte foi avaliada como aspecto importante pelo seu efeito significativo no bem-estar.

A respeito da importância da reciprocidade, Bronfenbrenner (1979, 1996) mencionou a sua presença nas relações, considerando que ela alcança todas as direções. Isto é, o que um indivíduo faz in-

fluencia reciprocamente aqueles com quem se relaciona e, também, a si próprio. Em qualquer relação existem reflexos e *feedbacks* mútuos entre as pessoas que, conseqüentemente, produzem efeitos em seu desenvolvimento e em seu ciclo vital. A reciprocidade estimula as relações e mobiliza as pessoas a se engajarem e a perseverarem em padrões de interação progressivamente mais complexos. Quanto maior a reciprocidade na interação, também maior é a complexidade. Ou seja, a reciprocidade exerce um papel fundamental na manutenção e no aprofundamento das relações humanas.

Liang et al. (2001) destacam algumas implicações que a rede de apoio social pode ter na promoção de um envelhecimento bem sucedido, as quais são compartilhadas também pelo presente estudo. As investigadoras afirmam que motivar os idosos a envolverem-se em papéis de ajuda aos outros pode ter um efeito positivo na redução do sofrimento psíquico, porque os fazem sentir-se úteis e envolvidos na família e na comunidade. Outra questão relevante enfatizada pelas autoras é a de que a assistência dada a idosos não deve ser excessiva, pois de outro modo, pode causar-lhes sofrimento. Nestas situações, é importante dar aos idosos a oportunidade de agir reciprocamente, a fim de que não se sintam demasiado dependentes ou como uma sobrecarga para os outros. Por fim, é fundamental minimizar as interações negativas e reforçar a antecipação do suporte disponível, porque estas variáveis têm efeitos salientes no bem-estar de idosos.

Quanto à adaptação do Diagrama da Escolta para idosos de acordo com o modelo da escolta de Kahn e Antonucci (1980) e com a adaptação de Brito (1999), este instrumento revelou-se de fácil aplicação e útil para a avaliação da rede de apoio social. Destaca-se no instrumento o fato de ele poder contemplar a estrutura e a função da rede e permitir uma análise integrada e dinâmica destes dois aspectos. Sabe-se que se a estrutura constitui uma importante dimensão da avaliação da rede social, a percepção da qualidade das relações estabelecidas é igualmente fundamental à consideração da satisfação das pessoas quer, por via direta, com as relações que estabelecem com

os outros, quer, por via indireta, com a satisfação com a vida em geral.

Por outro lado, numa perspectiva metodológica, o caráter lúdico do diagrama merece ser ressaltado como uma via que facilita a aplicação e a adesão dos participantes à tarefa. Poder-se-á dizer que a atratividade mobiliza as pessoas à participação espontânea e porventura mais genuína do que numa situação tradicional de questionamento direto e mais formal. De forma geral, os idosos da amostra não tiveram dificuldades na compreensão de como deveriam trabalhar com o diagrama. Além disso, o fato de a entrevista ser interativa e dinâmica, isto é, sem a necessidade de leitura e preenchimento de escalas também foi um aspecto que tornou a aplicação do diagrama mais interessante mantendo os participantes motivados para o completarem até o final.

Algumas limitações deste estudo devem ser salientadas. A amostra reduzida de idosos não permite que sejam feitas generalizações destes resultados nem que se façam comparações entre distintas faixas etárias de idosos (por exemplo de 60 a 70 anos, de 70 a 80 anos, e de 80 a 90 anos). Uma comparação deste tipo seria interessante para que se pudesse descrever padrões que se alteram ou se mantêm estáveis nas redes de apoio de idosos conforme a sua idade avança. Assim, os resultados deste estudo não permitem saber se as redes de apoio de idosos mais velhos se diferenciam das de idosos mais jovens. Outra questão a ser mencionada é o uso de um delineamento transversal. Partindo do modelo da Escolta de Apoio Social, seria mais interessante que se optasse por um delineamento do tipo longitudinal que permitisse a análise da rede de apoio social ao longo do tempo e da trajetória de desenvolvimento individual. Recomenda-se que futuras pesquisas na área do suporte social considerem estes aspectos a fim de obterem resultados mais conclusivos.

Referências

- Antonucci, T. C. & Akiyama, H. (1987). Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*, 42(5), 519-527.
- Antonucci, T. C. & Jackson, J. S. (1987). Social support, interpersonal efficacy, and health: A life course perspective. In L. L. Carstensen & B. A. Edelstein (Eds.), *Handbook of Clinical Gerontology* (pp. 291-311). New York: Pergamon Press.
- Antonucci, T. C., Akiyama, H. & Takahashi, K. (2004). Attachment and close relationships across the life span. *Attachment & Human Development*, 6(4), 353-370.
- Carstensen, L. L., Pasupathi, M., Mayr, U. & Nesselrode, J. R. (2000). Emotional experience in everyday life across the adult life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(4), 644-655.
- Bourque, P., Pushkar, D., Bonneville, L. & Béland, F. (2005). Contextual effects on life satisfaction of older men and women. *Canadian Journal on Aging*, 24(1), 31-44.
- Brito, R. C. (1999). *Uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua: subsídios para uma intervenção comunitária*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Brito, R. C. & Koller, S. (1979/1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A.M. Carvalho (Ed.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp. 115-126). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. M. A. V. Veronese (Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Diehl, M. (1999). Self-development in adulthood and aging: The role of critical life events. In C. D. Ryff & V. W. Marshall (Eds.), *The self and society in aging processes* (pp. 150-183). New York: Springer.
- García, E. L., Banegas, J. R., Pérez-Regadera, A. G., Cabrera, R. H. & Rodríguez-Artalejo, F. (2005). Social network and health-related quality of life in older adults: A population-based study in Spain. *Quality of Life Research*, 14(2), 511-520.
- Kahn, R. L. & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life-course: Attachment, roles and social support. In P. B. Baltes & O. G. Brim (Eds.), *Life-*

- span development and behaviour* (pp.253-286). New York: Academic Press.
- Liang, J., Krause, N. M. & Bennett, J. M. (2001). Social exchange and well-being: Is giving better than receiving. *Psychology and Aging*, 16 (3), 511-523.
- Neri, A. L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia* (2ª ed). Campinas: Alinea.
- Pin, S., Guilley, E., Spini, D. & Lalive d'Epinay, C. (2005). The impact of social relationships on the maintenance of independence in advanced old age: Findings of a Swiss longitudinal study. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 38, 203-209.

